

EDUCAÇÃO SEXUAL COM ADOLESCENTES NA ESCOLA PÚBLICA: ASPECTOS BIOPSIKOSSOCIAIS

Franciele de Freitas Valadares*

Anamaria Batista Nogueira**

O presente estudo teve por finalidade apresentar a discussão a respeito de alguns modelos atuais de educação sexual das escolas públicas, fatores que envolvem essa prática, impasses e possíveis saídas frente a educação biopsicossocial no cenário atual. Foi utilizada a teoria psicanalítica e sua metodologia de práticas de conversação, como o seu efeito em relação ao que acreditamos ser mais eficiente para a educação sexual na adolescência em escolas públicas. Para isso, buscamos responder a seguinte questão norteadora: de que forma o modelo de educação sexual biopsicossocial pode contribuir para a compreensão dos adolescentes de escola pública sobre a sexualidade? O objetivo geral da pesquisa foi demonstrar de que forma alguns modelos de educação sexual utilizados vem auxiliando na compreensão dos adolescentes de escola pública a respeito da sexualidade. Para tanto, como metodologia de trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para levantamento de dados, com o objetivo de conceituar o modelo biopsicossocial de educação, demonstrar as diferenças em relação ao modelo biológico preventivo e apresentar possíveis práticas da psicologia no contexto escolar orientadas pela teoria psicanalítica que possam corroborar com o modelo biopsicossocial. Através da pesquisa pôde-se concluir que o modelo biopsicossocial traz avanços e melhorias para a educação sexual com adolescentes, mas precisa ser aprimorado e ofertar lugar de fala aos alunos para que consigam compreender os fatores que envolvem a sexualidade.

Palavras-chave: Educação sexual; adolescentes; modelos; práticas; sexualidade

This actual study aims to introduce the discussion about the current perspectives about sex education in public schools, the elements involved in this practice and possible solutions to sex education in the current scenario, brought by the biopsychosocial view. We seek psychoanalysis theory and methodology of conversational practices, and its effect in what we believe to be the most efficient for adolescent sex education in public schools. We intend to answer the following guiding question: how can the biopsychosocial perspective of sex education contribute to the understanding of adolescents in public schools about sexuality? The objective of the research is to demonstrate how sex education perspectives have been helping adolescents in public schools understanding about sexuality. Therefore, we did a bibliography research, in order to conceptualize the biopsychosocial perspective of education, demonstrate its difference in regardind the preventive biological model, and present possible practices of psychology in the school context, guided by psychoanalysis theory, that can corroborate with the biopsychosocial model. In conclusion, the biopsychosocial model brings advances and improvements to the sexual education of adolescents, but it needs to be improved, offering a place for students to speak so that they can understand the factors that involve sexuality.

Keywords: Sex Education; Adolescence; Models; Practices; Sexuality.

* Graduanda em Psicologia, na Faculdade Ciências da Vida
franfreitasrf@gmail.com

** Dra. em Psicologia pela UFMG, professora de Psicanálise nos cursos de graduação da FCV e das Faculdades Promove
ananogueirapsi@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é considerada como a fase da vida relacionada aos conflitos emocionais e as transformações físicas e mentais que estão ligadas a puberdade, e a iniciação social em busca de autonomia e autoafirmação (KERNTOPF *et al.*, 2016). Dentre essas mudanças a sexualidade se apresenta como fator marcante na adolescência, muitas vezes despertada pela curiosidade natural nessa fase e pela descoberta do corpo. É importante salientar que a sexualidade está presente desde o início da vida, mas a adolescência marca essa transição da infância para a vida adulta onde inicia-se a descoberta de um novo corpo e de uma nova representação social (FREIRES *et al.*, 2019).

Para Freud (1920) a puberdade, rumo a adolescência traz consigo o direcionamento das pulsões sexuais a um objeto específico do mundo externo, diferentemente do que acontece na infância. As zonas erógenas, antes exploradas em diferentes áreas do corpo, passam a se designar à parte genital. É nessa fase que o sujeito passa a contestar as referências paternas e maternas em busca de uma re colocação social (FREUD,1920). Isso implica em um reposicionamento narcísico, em outras palavras, em uma reconfiguração dos ideais, o que não ocorre sem o outro do social. Nesse sentido, a teoria psicanalítica freudiana não deixa de levar em consideração a relação do sujeito com o campo social, o que Freud (1929) nomeia de civilização. Já Lacan (1969-70) nomeia essa relação de laço social. O sujeito para a psicanálise não é sem o Outro, não é sem o universo social.

Segundo Miranda e Alves (2019), os adolescentes tem iniciado suas práticas sexuais mais precocemente e na maioria das vezes sem a utilização de métodos contraceptivos. Seus estudos apontam que mesmo com todo discurso preventivo e biológico na escola e no ambiente familiar, uma grande parcela dos adolescentes não tem acesso suficiente a informações sobre a sexualidade, principalmente nas questões relacionadas a diversidade sexual, gênero, modificações corporais entre outros aspectos.

Em um artigo recente, Furlanetto *et al.* (2018) relata que a educação sexual nas escolas de ensino público, ao contrário do que aconselha os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para orientação sexual, não tem sido tratada como conteúdo transversal em todas as disciplinas. O tema educação sexual é tratado apenas nas aulas de ciências e biologia, onde são trabalhados fatores biológicos, preventivos e higienistas. Neste sentido, tornam-se necessárias as discussões acerca dos modelos de educação sexual utilizados atualmente, bem como os possíveis avanços e metodologias que possam auxiliar o acesso dos adolescentes à informação e ao conhecimento sobre esse tema, no ambiente escolar.

A finalidade do presente estudo é apresentar a discussão a respeito de alguns modelos atuais de educação sexual com adolescentes nas escolas públicas, bem como os fatores que envolvem essa prática, impasses e possíveis saídas frente a educação biopsicossocial no cenário atual. Utilizamos a teoria psicanalítica e a sua metodologia de práticas de conversação, como o seu efeito em relação ao que acreditamos ser mais eficiente para a educação sexual na adolescência em escolas públicas. A questão que norteia o presente trabalho é de que forma o modelo de educação sexual biopsicossocial pode contribuir para a compreensão dos adolescentes de escola pública sobre a sexualidade? O objetivo geral da pesquisa é demonstrar de que forma alguns modelos de educação sexual utilizados, vem auxiliando na compreensão dos adolescentes de escola pública a respeito da sexualidade. Para tanto, como metodologia de trabalho, faremos uma pesquisa bibliográfica para levantamento de dados, com o objetivo de conceituar o modelo biopsicossocial de educação, demonstrar as diferenças em relação ao modelo biológico preventivo e apresentar possíveis práticas da psicologia no contexto escolar orientadas pela psicanálise que possam corroborar com o modelo biopsicossocial.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Conceito De Educação Sexual Biopsicossocial

Para Zompero *et al.* (2018) a sexualidade é a junção das instâncias biológica, social, e cultural, delas provém os desejos, os sentimentos, as manifestações da diversidade provenientes de cada indivíduo. Os autores Santos, Recena e Machado (2018) definem a sexualidade como uma construção social, e como tal compreende diversos fatores como, expressões culturais e as normas sociais que as mantêm. Os laços afetivos são construídos a partir dessas concepções e constituem parte importante da sexualidade. A partir dessa definição, os autores afirmam que a sexualidade é parte do processo social e deve ser pontuada e analisada criticamente. Segundo Anjos e Lima (2016) a sexualidade pode ser vista também como fruto de uma produção política, que busca regular os corpos ao longo dos séculos, como um dispositivo articulador das relações que compõe o poder na sociedade.

A educação sexual no modelo biopsicossocial considera a sexualidade como um conjunto de fatores que não se determinam apenas no campo biológico focado na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST's) e gravidez na adolescência, mas devem ser analisados amplamente como os aspectos psicológicos e subjetivos dos adolescentes e as construções socioculturais pertinentes para as discussões sociais relacionadas as várias formas de viver a sexualidade (VIEIRA e MATSUKURA, 2017).

Políticas públicas relacionadas a educação sexual vem sendo inseridas nas normas nacionais de educação nos últimos anos. No ano de 1996, o Ministério da educação e cultura (MEC) começa a incorporar a pauta da sexualidade em um dos parâmetros curriculares nacionais, tendo como base a orientação sexual nas escolas, contemplando o social, biológico e o psicológico. O documento sugere que a orientação sexual seja inserida como um tema transversal nas disciplinas, partindo da concepção de que a escola oferece um espaço importante para o desenvolvimento social dos adolescentes (BARTASEVICIUS e MIRANDA, 2019). A base nacional comum curricular de 2016 propõe a inserção da pauta da sexualidade nas disciplinas de ciências e biologia, incluindo os fatores históricos, culturais e biológicos que envolvem tal questão (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2016).

De acordo com as orientações técnicas de sexualidade para escolas e educadores no Brasil da Unesco (2014) a educação sexual está presente em todos os contextos sociais de forma direta ou indireta, nas situações diárias e naturais, mas de forma isolada e desconexa. Neste sentido, a educação sexual nas escolas deve garantir que essas experiências sejam contextualizadas, o que nos leva a pensar na importância de possibilitar com que os próprios adolescentes falem de suas experiências em relação à sexualidade, já que são os autores de suas vidas ou deveriam ser entendidos como tal. A metodologia de práticas de conversação, embasadas pela teoria psicanalítica, pode ser utilizada com esse propósito. Para a psicanálise de orientação lacaniana o suposto saber está no paciente e não no psicanalista. Para isso é preciso convidá-lo a falar, a dizer sobre a sua experiência. As práticas de conversação são uma ferramenta possível de se aplicar nas escolas. (LIMA *et al.*, 2017).

Tratando-se de educação sexual é importante considerar os aspectos das vivências dos adolescentes e suas concepções de mundo, futuro, bem como outras temáticas que fazem parte da sexualidade como gênero e diversidade. Esses temas são importantes para a discussão das relações de dominação, presentes no discurso heteronormativo que delimita padrões de sexualidade considerados como normais, causando a discriminação e exclusão das pessoas que não se enquadram nesse contexto (MARCON; PRUDÊNCIO e GESSER, 2016). Abordar essas questões, em sala de aula contribui para a desconstrução desse pensamento de anormalidade e auxilia no combate ao preconceito de gênero.

A adolescência é uma fase de busca por autonomia, com riscos, em função de uma autoafirmação, e de experiências novas e desafiadoras, frente as proibições impostas na sociedade (DIAS *et al.*, 2019). O psicanalista Miller (2015), em seu artigo “Em direção à adolescência”, apresenta formas tanto teóricas quanto clínicas, em que a teoria psicanalítica se

debruça sobre a investigação acerca da adolescência. Iniciando por considera-la uma construção também social e como tal, segue os padrões da época em que está inserida. Nesse artigo Miller define três modos como a teoria psicanalítica trata a adolescência, a saída da infância biologicamente falando, seria o início da puberdade. Após vem a diferença dos sexos, momento em que o autor menciona tal como Freud já havia citado, as posições femininas e masculinas, já possíveis de serem observadas desde a infância, mas mais nítidas durante e pós puberdade. O autor fala ainda do modo como a menina presta o papel de mulher mais cedo, e nessa fase da puberdade tende a reprimir sua sexualidade, oposto do que acontece com os meninos nesse período. Em um terceiro momento ele vai descrever a imiscuição do adulto na criança Miller (2015) vai dizer que é um período de reconfiguração do narcisismo, que ele nomeia de desenvolvimento da personalidade, que se concretiza supostamente quando a criança promove uma atitude adulta.

Os adolescentes são pulsionais, entregues ao ato, ao risco. Ter acesso à informação sobre um determinado tema não garante uma melhor conduta. Portanto, é preciso um novo arranjo no modelo biopsicossocial, que possibilite algo além da repetição do ato, que põe em risco a vida do adolescente no âmbito sexual. Para que a educação sexual no modelo biopsicossocial aconteça, os moldes de ensino e aprendizagem precisam ser adaptados, e construídos através da ideia de colaboração e troca de conhecimentos, partindo do pressuposto de que os adolescentes precisam ser ouvidos para que a educação sexual promova transformações, com o intuito de fornecer ferramentas para que os adolescentes possam ter o direito de exercer a sexualidade de forma consciente e livre (CAMPOS *et al.*, 2018). Torna-se imprescindível para a educação biopsicossocial, portanto, a participação ativa do adolescente, que é o objeto principal de toda essa investigação e não apenas ao trabalho do professor, mas de sua interação com outros campos do conhecimento. É preciso que o adolescente fale de suas vivências, para que não fique alienado no ato, o que justifica a escolha pela metodologia de práticas de conversação orientadas pela teoria psicanalítica.

Na prática de conversação realizada por Lima *et al.* (2017) fica evidente, a descoberta do mal estar, as adolescentes consideram-se compulsivas nas redes sociais e em aplicativos de fotoshop, no decorrer dos encontros foi possível observar a transformação a partir das falas das jovens. As singularidades de cada participante foram expostas em suas falas, a partir desse momento iniciou-se um tratamento do mal estar, que não exclui a compulsão, mas proporciona uma nova forma de estabelecer o laço social, em um contexto não sintomático através da fala.

A Unesco (2014), descreve alguns pontos importantes a serem apresentados aos alunos como: gravidez, relações familiares e sociais, doenças sexualmente transmissíveis, diversidade, gênero, preconceito, violência, abuso sexual e transformações corporais. O documento apresenta ainda as implicações da escola em relação a educação sexual como, informar aos pais a proposta de trabalho, os métodos utilizados, inserir a família nas pautas a serem discutidas e o papel dos familiares no processo, disponibilizar os materiais utilizados caso a comunidade tenha interesse em conhecê-los e analisar minuciosamente os conteúdos antes de aplicá-los. Mas não basta informar, esse adolescente precisa falar, interagir, descobrir, e em muitos casos apenas o professor como mediador não é suficiente. É nesse ponto que a prática de conversação psicanalítica se torna uma ferramenta importante.

2.2 Modelo De Educação Sexual Biológico Preventivo

A psicóloga e doutora em estudos de gênero Silva (2016) afirma que a sexualidade tem sido discutida e apresentada nas escolas ao longo dos anos como o sexo em si, sendo introduzida com um discurso regulador principalmente no que diz respeito aos adolescentes. Na busca de controlar a sexualidade e os desejos da adolescência, os métodos de educação sexual nas escolas intencionalmente se tornaram punitivos e repletos de proibições. É possível observar essas restrições no ambiente escolar no que diz respeito as regras de separação dos espaços livres na intenção de não colocar as crianças junto dos adolescentes, ou quanto as exigências de vestimentas que não deixem transparecer o corpo em transição física. Essa forma de pensar a sexualidade têm influenciado, a forma como a educação sexual tem sido transmitida no ambiente escolar. O que Miller (2015) vai chamar de um Outro tirânico, esse Outro familiar ou instituição escolar, que na intenção de proteção acaba instaurando uma autoridade agressiva para conter o adolescente em crise.

O modelo de educação sexual biológico e preventivo caracteriza-se pelo foco das questões biológicas que dizem respeito ao corpo, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. Nesse modelo de educação, os outros aspectos relacionados à sexualidade como as questões de gênero, a vivência da sexualidade na adolescência, diversidade entres outros fatores, são pouco desenvolvidos, não possuem o aprofundamento necessário ou em alguns casos são descartados (VIEIRA e MATSUKURA, 2017).

A educação sexual no contexto escolar vem sendo realizada em sua maioria por professores de ciências e biologia, cujo foco está concentrado nas questões biológicas como

forma de distanciamento das discussões relacionadas à homossexualidade, feminismo, diversidade, consideradas como tabu por uma parcela da sociedade (NOGUEIRA *et al.*, 2016). Em muitos casos, esse foco do ensino para questões biológicas tem relação com a formação desses professores que não tiveram em sua graduação um estudo aprofundado da sexualidade, ou algum tipo de especialização relacionada ao tema (FERREIRA; RIBEIRO e SILVA 2019). Nesse ponto das discussões acerca das especializações dos professores é possível localizar certa resistência por parte dos profissionais, como cita Lima *et al.* (2015). Existe uma presença do discurso histórico, ao passo que esses professores procuram um mestre para guiá-los e assim extinguir a angústia que os cercam em relação à educação. Mas ao mesmo tempo, criticam os modelos apresentados e os ensinamentos desses mestres afirmando não serem eficazes o suficiente para dar conta desse mal estar. A partir daí é que o discurso do analista se torna importante, para operar para além da clínica, em instituições como a escola, não no sentido de controlar o real, mas de dar espaço para que o sujeito encontre seu saber sobre a própria angústia (LACAN, 1998 *apud* LIMA, 2015). O discurso do analista, trabalhado por Lacan (1969-1970) no “Seminário VII, O avesso da psicanálise”, é categórico em relação a convidar o sujeito a falar, para que ele produza significantes em relação à sua vida, à seu inconsciente, que não é disjuncto do saber que é produzido pelo próprio sujeito.

Lima *et al.* (2015) realizaram práticas de conversação de metodologia psicanalítica com professoras de ensino fundamental em uma escola pública de Belo Horizonte/MG. A solicitação de intervenção foi feita pela própria instituição, a escola possui um projeto de diagnóstico e intervenção para alunos com dificuldades pedagógicas, inicialmente foi solicitada intervenção psicológica para trinta alunos, dos quais a escola relata ter vários problemas escolares. Os profissionais decidem, no entanto, atender essa demanda parcialmente por considerar que com tantos alunos com dificuldades, é algo que se investiga na própria instituição, com os profissionais que acompanham esses alunos. Foram realizados encontros semanais, durante dois semestres, com a presença de um psicanalista e no decorrer dos encontros, foi possível localizar diferentes discursos. O mais utilizado pelas professoras foi o discurso universitário, que demonstra um saber já pronto e imposto, que não leva em conta outras possibilidades. O resultado desse discurso é perceptível, falta de diálogo com os alunos, imposição de uma coletividade que não questiona o individual dos alunos, para atender a interesses de políticas públicas formuladas através do universal. O discurso do mestre também aparece, quando essas professoras tendem a querer controlar essa aprendizagem e deter o saber, que não é possível de

ser apreendido. Essa tentativa de ensinar sem deixar erros, é falha na medida em que não é possível controlar o conhecimento.

Entendendo que o professor é uma peça fundamental em sala de aula para organizar as dinâmicas e rodas de conversa a respeito da sexualidade, Nogueira *et al.* (2016) exemplificam que os profissionais da educação precisam dialogar com os alunos a respeito de fatores sociais, culturais e psicológicos, para que seja possível acessar de forma mais abrangente os aspectos da sexualidade humana. Entre as estratégias possíveis para a formação desses profissionais, estão a pesquisa de literatura da área, artigos científicos, cursos de especialização, grupos de estudo, e dinâmicas com outros educadores.

2.3 Psicologia E Educação Sexual Com Adolescentes Na Contemporaneidade

Os primeiros estudos da psicologia no século passado sobre a sexualidade humana tiveram como base a concepção de uma sexualidade natural e normal derivada da heterossexualidade, condutas diferentes, eram consideradas como patológicas ou fora do padrão social. A psicologia da época atuava como meio regulador da sexualidade e se apresentava como ferramenta para o tratamento da homossexualidade e outras condutas consideradas desviantes (VEZZOSI *et al.*, 2019).

Em seu livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1920) aborda o pensamento da época a respeito dos homossexuais citados como invertidos, ou como o título do próprio capítulo nomeia, aberrações sexuais. Mesmo com certa surpresa, Freud não deixou de debruçar sobre o tema da homossexualidade. Acolheu e trabalhou a demanda pela reversão da homossexualidade, considerando essa tarefa improvável. Não atendeu a demanda na íntegra, mas recebeu o caso, a fim de acolhê-lo e de possibilitar um processo analítico. No atendimento da jovem homossexual, Freud (1920) deixa claro a pressão que a jovem sofria, principalmente por seus pais, para que revertesse a escolha do objeto sexual que a abastecia de prazer.

A psicologia começa a desempenhar o seu papel social contra a homofobia no Brasil, quando em 1999 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) aprova a resolução de nº 01/99 que consiste na proibição da patologização da homossexualidade. Torna-se a partir de então proibido a utilização de terapias de reversão sexual pelo profissional de psicologia, como também a sua participação em quaisquer tipos de eventos ligados a cura da homossexualidade. (ARAGUSUKU e LARA, 2019). A resolução também preconiza que os profissionais atuem no enfrentamento direto a quaisquer tipos de violência e preconceito de gênero, ou orientação sexual. (MACEDO e SIVORI, 2019). Entretanto, Binkowski (2019) aponta em seus estudos,

que a psicologia tradicional ainda na atualidade possui concepções de normal e anormal que até certo ponto dão margem ao preconceito de gênero. A psicologia contemporânea tem contribuído para essa quebra de paradigmas. Alguns pesquisadores sobre o tema como Freires *et al.* (2019), cita um exemplo de novas contribuições da psicologia na luta contra o preconceito. Vem sendo criado métodos para a avaliação dos comportamentos relacionados a homofobia, como escalas que tem como objetivo analisar o nível de preconceito e exclusão de pessoas transexuais. Há também o movimento LGBTQIA+, de grande exposição na mídia como militância aos direitos da igualdade social.

Nessa perspectiva de novas concepções e luta contra o preconceito, Drehmer e Falcão (2019) citam que o psicólogo escolar tem o dever de auxiliar e orientar sempre que surgirem questões relacionadas a sexualidade no contexto escolar. Andrada *et al.* (2019) situam a psicologia escolar como ferramenta de introdução das práticas dos psicólogos na escola, visando toda a comunidade envolvida nesse contexto, alunos, pais e funcionários. Nessa perspectiva, a psicologia mostra-se como fonte de criação e conhecimento que podem ser empregados a educação e subsidiar estudos na área, servindo como base de apoio as práticas educativas realizadas pelos professores, atuando como mediador do processo de ensino e aprendizagem.

Pensando em metodologias que possam auxiliar os professores, as práticas de conversação orientadas pela teoria psicanalítica, podem contribuir para as rodas de conversas com os alunos. Não se trata de fazer da sala de aula uma clínica, mas de utilizar de ferramentas de apoio para os professores. A prática de conversação segundo Lima *et al.* (2015), oferece um lugar de fala e, portanto, possibilita certa autoria para o adolescente que já convive diariamente com um discurso pronto do educador e das normas que regem a instituição escolar. Como efeito, possibilitaria a construção de um lugar para as suas próprias percepções de mundo, e vivências diante do encontro vívido com a sexualidade, comum nessa fase de mutações. Para tanto, as práticas de conversação realizadas por um profissional do campo PSI, no caso, pelo psicólogo escolar, podem ser fruto de uma parceria da escola pública com universidades particulares ou federais de psicologia, que entrariam com a supervisão e com o estagiário para auxiliar na dinâmica com os alunos.

A escola trabalha a partir de um saber universal imposto aos adolescentes sem espaços para a subjetividade. Nesse sentido à conversação torna-se uma aliada para um fazer que seja direcionado a cada adolescente. Não se trata de ensinar o certo ou errado a respeito da

sexualidade, essa metodologia trabalha o inverso do ensino pedagógico, funciona como uma associação livre coletiva, onde as falas dos adolescentes podem transitar (LIMA *et al.*, 2015).

Lima *et al.* (2017) realizaram um projeto de intervenção psicanalítica em Belo Horizonte Minas Gerais, em uma escola pública via Universidade Federal de Minas Gerais, onde foi utilizado o método de conversação para orientar os encontros entre a psicanalista e um grupo de adolescentes de onze a treze anos de idade. O projeto surgiu a pedido da escola que se queixa de um mal-estar causado pelo uso das redes sociais, de onde partiam posts com fotos e comentários ofensivos. Cada encontro foi mediado por um profissional de formação psicanalítica e um aluno de graduação em psicologia para realizar as anotações. O foco do trabalho foi localizar um mal estar em comum em relação ao uso das redes sociais. No grupo formado apenas por meninas foi um ponto em comum o uso excessivo do celular, marcadas por frases como “não consigo ficar sem o celular”, “minha vida tá toda aí”, entre outras. As adolescentes demonstraram também, muita preocupação com sua auto imagem nas fotos, um desejo de perfeição, de não mostrar defeitos nas fotos, para isso muitas utilizavam de ferramentas para alterar, marcar, aumentar partes do corpo, diminuir outras, tirar espinhas no rosto etc... E acabam por tirar várias fotos e não postar nenhuma, caso sentirem que os efeitos não foram suficientes. É possível observar a partir de pesquisa realizada vários pontos em comum que foram surgindo no decorrer das falas e que partem da experiência de cada adolescente. Alguns medos surgiram no decorrer das falas das adolescentes, desde o medo de perder a virgindade, ao medo do pai autoritário que vigia a vida das filhas nas redes, outro ponto em comum são as atitudes que vão na contramão do que os pais esperam, como uma das adolescentes que se envolve com traficantes. A intenção das práticas de conversação é justamente essa, de acessar a cada indivíduo através do todo, no caso, o grupo em que está inserido. Esse espaço dá lugar para os adolescentes descobrirem seu mal-estar, pois muitos nem sabem que o tem. É a partir daí que o adolescente consegue elaborar, e compreender melhor seus conflitos, angústias e questões subjetivas. †

Em um outro artigo recente‡, Dias *et al.* (2019), relata uma experiência similar em uma escola pública de Belo Horizonte, em que foi realizada práticas de conversação de metodologia psicanalítica, com adolescentes de treze a quinze anos, o pedido de intervenção veio através da direção da escola, com queixas de uso excessivo e atividades inapropriadas na internet. Foram realizados 17 encontros, mediados por uma psicanalista, os adolescentes puderam escolher

† Working in Photoshop, Livro Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus sintomas. OCA Observatório da criança e do adolescente. (SANTIAGO *et al.* 2017)

‡ Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem? (DIAS *et al.* 2019)

participar ou não, mas o que se observou no primeiro encontro, foi uma necessidade de fala, que chegava a interromper a fala uns dos outros e da própria mediadora. Os pontos importantes levantados foram o modo de gozo desses adolescentes, em alguns casos tomados por atitudes impulsivas e de risco. Uma adolescente cita que por não ter o que fazer da própria vida, gosta de ficar na internet para ver brigas, barracos, “sangue”, nesse ponto observa-se como esses adolescentes encontram-se entediados, vazios, buscando na internet algo que complemente a vida.

“A sociedade contemporânea expõe os adolescentes a uma forma de abandono, uma vez que não lhes oferece mais os referentes simbólicos das sociedades tradicionais, obrigando-os, então, a se tornarem “artesãos do sentido de suas existências” (§LACADÉE, 2011, p. 55 *apud* DIAS et.al, 2019). Com a tomada da tecnologia e da promessa ou fantasia de completude que os meios de consumo trazem, principalmente a internet, esses adolescentes se veem perdidos em meio as novidades sem nenhum direcionamento. O adolescente paga essa falta com o próprio corpo, ele se lança e se arrisca para marcar o simbólico no outro (DIAS *et al.*, 2019).

3 METODOLOGIA

Para responder ao problema deste estudo, foram utilizados como base os conceitos de Gil (2008) e Marconi e Lakatos (2017). A pesquisa caracteriza-se como descritiva de natureza qualitativa, com o objetivo de descrever teoricamente os modelos de educação sexual das escolas públicas. Foi realizado um levantamento bibliográfico, nas plataformas Scielo, Capes e sites governamentais e selecionados artigos científicos e publicações a partir do ano de 2014, que continham as palavras chave: sexualidade, educação e adolescência. Onde inicialmente foram pesquisados os modelos atuais de educação sexual, sendo divididos em dois eixos: modelo biológico e preventivo e modelo biopsicossocial. Posteriormente foram investigadas através da plataforma Google Acadêmico, práticas de conversação de orientação psicanalítica realizadas em escolas públicas com adolescentes. Foram selecionadas três práticas realizadas em escolas públicas na cidade de Belo Horizonte/MG, para ilustrar metodologias possíveis para a atuação da psicologia no contexto escolar.

A prática de conversação psicanalítica, segundo Lima *et al.* (2015) tem como finalidade, ofertar um espaço de fala possível de ser aplicado em instituições como a escola, mediado por um psicanalista, que tem como função proporcionar uma serie de associações livres, em grupo.

§ Lacadée, P. (2011). O despertar e o exílio: Ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência.(C. R. Guardado, V. Ribeiro, Trads.). Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa.

Foram utilizados no presente trabalho, três artigos de metodologia de práticas de conversação orientados pela teoria psicanalítica no ambiente escolar. O artigo, *Psicanálise e Educação: um tratamento possível para as queixas escolares* de Lima *et al.* (2015), tem como objetivo geral, identificar qual a implicação dos professores nas suas próprias queixas escolares, trazidas para as práticas de conversação. Os encontros foram realizados no período de dois semestres, quinzenalmente, foram selecionados dois grupos de professores, grupo A do turno da manhã e grupo B do turno da tarde, ambos com doze professores cada. Os encontros foram mediados por um mestrando em psicologia e dois alunos de graduação em psicologia, responsáveis pelas anotações das conversas. A atuação desses profissionais no ambiente escolar, foi solicitada pela própria direção da instituição, que se queixava das dificuldades em lidar com os alunos. Os três temas centrais, foram escolhidos pelos próprios professores, sendo temas livres no primeiro semestre e três eixos temáticos no segundo semestre sendo: família, políticas públicas e sexualidade.

A segunda prática de conversação analisada tem como tema: *Working in Photoshop* de Lima *et al.* (2017). O pedido de intervenção, foi solicitado pela equipe pedagógica da instituição com o objetivo de investigar o mal-estar, relacionado ao uso das redes sociais, por adolescentes. Foram realizados no total doze encontros uma vez por semana. Um dos grupos analisados nesse trabalho, contou com sete alunas de onze a treze anos de idade, as conversas foram mediadas por uma mestranda em psicologia e uma aluna de graduação. As alunas puderam escolher participar ou não e com quem gostariam de formar os grupos. Semanalmente foram realizados também encontros com a equipe de psicólogos, para supervisão e acompanhamento das práticas. O terceiro trabalho discutido no presente artigo: *Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem?* Realizado por Dias *et al.* (2019). Analisou os riscos da utilização das redes sociais pelos adolescentes. Os encontros foram realizados no ano de 2019, com dez alunos de treze a quinze anos de uma escola pública, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. A mediação, foi realizada por uma psicóloga, em 17 encontros de 60 minutos, em horários estipulados pela escola. Os adolescentes foram selecionados pela direção da instituição, com o critério de envolvimento em conflitos nas redes sociais. Os alunos ficaram livres para optar por participar ou não dos encontros.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Práticas De Conversação Psicanalítica

A metodologia de práticas de conversação, contribuiu para levantar os impasses trazidos na escola pelo discurso da histeria, pelo discurso do mestre e pelo discurso universitário,

utilizados por Lacan (1969-1970) no Seminário 17. No início do artigo as autoras abordam a presença constante do discurso do mestre nas falas das professoras, existe uma tentativa cobrir as falhas, e generalizar o formato da aprendizagem, atuando sob um modelo de educação biológico e preventivo. Uma das professoras participantes da conversação cita: “*Queríamos robózinhas, mas não tem jeito*”. A fala dessa professora exemplifica a impossibilidade de atender aos alunos de forma universal, sem considerar o individual de cada um. (LIMA *et al.* 2015, p.1115). A metodologia permitiu localizar uma “fenda” entre o saber e o sujeito, deixando em aberto a possibilidade de lidar, de alguma forma nas escolas, com o discurso do analista, que contribuiria para a produção de significantes singulares, em buscar do próprio saber. Em outra fala da educadora é possível identificar tal abertura: “*Acho que o professor precisa mais ouvir do que falar, se precisar esclarecer algo, a gente faz a intervenção.*” (LIMA *et al.*, 2015, p.1118,). Nessa fala o discurso do analista se apresenta como meio de intervenção ao discurso do mestre, quando o coordenador da conversação não se coloca na posição de suposto saber, as professoras passam a produzir seus próprios questionamentos acerca da prática educacional.

A escola sustenta um modelo universal, que em dado momento é falho, na medida em que essas professoras expõem as dificuldades de englobar todos os alunos em moldes pré definidos. (LIMA *et al.*, 2015). O que corrobora com a ideia de que o modelo biológico e preventivo não consegue acessar a subjetividade dos adolescentes envolvidos no processo, na medida em que silencia a participação dos alunos, direcionando apenas a exposição do conteúdo por parte do professor e de um discurso raso sobre a experiência da sexualidade, que mantem-se no discurso de corpos domesticáveis.

A autora de *Working in Photoshop*, analisa as falas das alunas no contexto escolar, através do discurso do analista, no início da conversação, é possível localizar um mal estar, comum entre as adolescentes. Dizem de uma compulsão pelo celular, e pela busca por fotos perfeitas, querem parecer com as funkeiras: cintura marcada, seios grandes. Uma adolescente diz da impossibilidade de transformar o corpo real: “*Como eu não tenho dinheiro para fazer plástica, nem tempo de ir à academia, eu uso os aplicativos para ter mais bunda, um seio maior e uma cintura fina, além de tirar as espinhas.*” (LIMA, 2017 p. 130). A jovem complementa ainda que não tem coragem de ir a um encontro com um garoto, pois o mesmo iria se decepcionar com sua imagem.

No decorrer das falas, as jovens deixam de lado a exposição das fotos e passam a falar, causando uma ruptura no comportamento compulsivo. As falas dizem do mal-estar de cada jovem, o receio de mostrar o corpo ao outro sexo e não parecer atraente, o medo de perder a

virgindade, o controle dos pais nas redes sociais, o envolvimento sexual com traficantes. As adolescentes se apresentam, segundo Lima (2017 p. 135) esse termo diz do espaço ofertado a fala, que permite que esses significantes circulem. Esse espaço para que os adolescentes falem de suas vivências, expondo suas incertezas e inseguranças relacionadas ao corpo e aos comportamentos sexuais, é um dos fatores marcantes da educação sexual biopsicossocial.

O conceito de autonomia é trazido no artigo de Vieira e Matsukura (2017), como importante no modelo de educação sexual biopsicossocial, as autoras citam ser necessário fornecer condições para que o adolescente, tome decisões reflexivas a respeito do próprio corpo e das suas atitudes. As práticas de conversação, orientadas por um psicólogo escolar, podem oferecer um espaço de autonomia e fala no contexto institucional das escolas públicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, demonstrou os principais pontos de diferenciação entre, o modelo biológico preventivo de educação sexual e o modelo biopsicossocial. As questões levantadas em relação as dificuldades dos professores em assumirem a temática da sexualidade com os alunos, demonstram a necessidade de parcerias das escolas públicas com universidades, e profissionais da psicologia, para atender a essa demanda e direito dos adolescentes ao acesso à informação e ao diálogo.

A pesquisa apresentou a importância da participação ativa dos adolescentes nas práticas escolares, essa presença se dá, através da fala, que proporciona a quebra dos laços sintomáticos e fornece conteúdos para uma análise crítica das vivências. Nesse ponto, o modelo de educação sexual biopsicossocial, oferece mais possibilidades de inserção da participação dos adolescentes nas pautas escolares, por considerar como base os conceitos trazidos ao longo do estudo, como necessários para as discussões da sexualidade no ambiente escolar. Mas precisa de adaptações, para que o professor possa ter apoio e colaboração no processo. A prática de conversação psicanalítica realizada por psicólogos, mostra-se como ferramenta possível, para auxiliar nesse processo de transformação na forma de atuar com os adolescentes nas escolas.

Portanto, esse trabalho tem como contribuição, ofertar possibilidades de práticas, que possam auxiliar nas discussões relacionadas a sexualidade no ambiente escolar, com os adolescentes, compreendendo os fatores que envolvem esse processo, através de uma análise do fazer educacional em colaboração com a psicologia.

REFERÊNCIAS

ANDRADA, P. C. *et al.* Atuação de Psicólogas(os) na Escola: Enfrentando Desafios na Proposição de Práticas Críticas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 39, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100139&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 de maio 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003187342>.

ANJOS, K. P. L. e LIMA M. L. C. Gênero, sexualidade e subjetividade: Algumas questões incômodas para a psicologia. **Revista Psicologia e pesquisa** 49-56 | julho-dezembro de 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaeapensquisa/article/view/23358>. Acesso em: 15 de maio de 2020. <https://doi.org/10.24879/201600100020059>.

ARAGUSUKU, H. A; LARA, M. F. A. Uma Análise Histórica da Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia: 20 Anos de Resistência à Patologização da Homossexualidade. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília v. 39, n. 3, 6-20 maio 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v39nspe3/1982-3703-pcp-39-spe3-e228652.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228652>

BARTASEVICIUS, D. M. M; MIRANDA, M. A. Gurgel de Campos. Formação de professores para a prática de educação sexual nas escolas: Uma reflexão a partir do pensamento docente. **Sisyphus journal of education**, v. 7, pp.156-178, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7171714>. Acesso em: 7 de maio 2020. <https://doi.org/10.25749/sis.17824>

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 7 mai. 2020.

BINKOWSKI, G. Fósseis do Campo Psi: sobre Conversão de Orientação Sexual e Gênero. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 39, n. spe3, e228542, 2019. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000700308&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 de maio 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228542>.

CAMPOS, H. M. et al. Diálogos com adolescentes sobre direitos sexuais na escola pública: intervenções educativas emancipatórias! **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del Rey, v. 13, n. 3, 2018. Disponível em: http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/3107. Acesso em: 17 mai. 2020.

DIAS, C. V. et al. Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem? **Psicol. cienc. prof.** Brasília, vol.39, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932019000100109&script=sci_arttext
Acesso em: 15 de maio 2020.

DREHMER, L. B. R; FALCAO, C. N. B. Para Além da Concepção Binária Cis-heteronormativa: a Psicanálise Interrogada pelas Diversidades Sexuais e de Gênero. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 39, n. spe3, e228536, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-

98932019000700306&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 mai. 2020.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003228536>

FREIRES, L. A. *et al.* Escala Multidimensional de Preconceito Sexual: Propriedades Psicométricas para o Contexto Brasileiro. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 39, n. spe3, e228490, 2019. Disponível em
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000700301&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 17 jun. 2020.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003228490>.

FERREIRA, D. R; RIBEIRO G; SILVA P. P. (RE)Construindo Conceitos Para A Sexualidade Na Educação Em Ciências. **Imagens da Educação**, v. 9, n. 3, p. 79-94, dez. 2019. Disponível em:
<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/45148>. Acesso em: 14 mai. 2020. <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v9i3.45148>

FREUD, Sigmund, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 4º ed: Viena,1920.

FREUD, Sigmund, O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos, **editora Imago**, vol. XXI 1927-1931.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer: psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). In: SALOMÃO, Jayme (Org.). Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: **Imago**, 1996. v. 18, p. 157-186. Edição Standard Brasileira.

FURLANETTO, M. F. *et al.* Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 48. n. 168, jun. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742018000200550&script=sci_arttext. Acesso em: 16 mai 2020.
<https://doi.org/10.1590/198053145084>

GIL, Antônio Carlos. Estudos e técnicas de pesquisa social. 6º ed: São Paulo: Editora Atlas, 2008.

KERNTOPF, M. R. *et al.* Sexualidade na adolescência: uma revisão crítica da literatura. **Revista Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, 2016. v. 13, n. 2, Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=590. Acesso em: 5 maio de 2020.

LACAN, J. O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar**. 1969-1970.

LIMA, N. L. *et al.* Psicanálise e Educação: um tratamento possível para as queixas escolares. **Revista Educ.Real**. vol.40 no.4 Porto Alegre Oct. /Dec. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S21762362015000401103&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em 19 set 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623645088>.

LIMA de Nádia Laguárdia, Working in Photoshop in SANTIAGO, Ana Lydia et.al. Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus sintomas. OCA Observatório da criança e do adolescente Editora: Scipitum, Belo Horizonte, 2017.

MACEDO, C. M. R.; SIVORI, H. F. The Sexual Diversity Debate in Brazilian Psychology: Professional Regulation at Stake. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 39, n. spe3, e228496, 2019 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000700302&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 mai. 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228496>.

MARCON, A. N; PRUDENCIO, L. E. V.; GESSER, M. Políticas públicas relacionadas à diversidade sexual na escola. **Psicol. Esc. Educ.**, v. 20, n. 2, p. 291-302, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572016000200291&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 12 mai. 2020. <https://doi.org/10.1590/2175-353920150202968>.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 8º ed: São Paulo: Editora Atlas, 2017.

MILLER, Jacques Alain. Em direção à adolescência. **Seminários**. Mai, 2015. Disponível em: <http://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia/>. Acesso em: 15 out.2020.

MIRANDA, P. R. M; ALVES J. M. Temas e/ou questões sobre sexualidade de interesse de estudantes do ensino médio de uma escola pública de rio branco - ACRE. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 6, n. 2, p. 647-659, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/2520>. Acesso em: 6 de maio 2020.

NOGUEIRA, N. S.; ZOCCA, A. R.; MUZZETI, L. R.; Ribeiro, P. R. M. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **Holos**, v. 3, p. 319-327, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4815/481554866024.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020. doi:10.15628/holos.2016.2302

SANTOS, C. F.; RECENA, M. C. P.; MACHADO, V. M. Sexualidade e diversidade sexual nos projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas nas universidades públicas em Mato Grosso do Sul. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.9, n. 25, p. 72-100, 2018. Disponível em: <http://200.181.121.137/index.php/interfaces/article/view/2360>. Acesso em: 12 mai. 2020. <https://doi.org/10.26514/inter.v9i26.2360>

SILVA, D. R. Q. Exclusão de adolescentes grávidas em escolas do sul do Brasil: uma análise sobre a educação sexual e suas implicações. **Revista de Estudios Sociales**, n. 57, 2016. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/full/10.7440/res57.2016.06>. Acesso em: 17 mai, 2020. <https://doi.org/10.7440/res57.2016.06>.

UNESCO. Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem, 2014. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227762>. Acesso em: 27 abr. 2020.

VEZZOSI, J. I. P. *et al.* Crenças e Atitudes Corretivas de Profissionais de Psicologia sobre a Homossexualidade. **Revista Psicologia: Ciência e profissão**, Brasília, v. 39, 2019.

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000700307&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 mai. 2020.
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003228539>

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 453-474, abril 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27553036008>. Acesso em: 6 mai. 2020.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-2478201722692>

ZOMPERO, A. F. et al. A temática sexualidade nas propostas curriculares no brasil. **Revista: Ciências e Ideias**, v. 9, n.1, jan/abr, 2018. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/view/783>. Acesso em: 15 mai. 2020. <http://dx.doi.org/10.22407/2176-1477/2018.v9i1.783>